



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

LIP - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO
EM PRODUÇÕES ESCOLARES
Uma Abordagem Sociolinguista**

Maria Alice de Castro Alves

Brasília-DF
Outubro de 2012



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

LIP - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO
EM PRODUÇÕES ESCOLARES
Uma Abordagem Sociolinguista**

Maria Alice de Castro Alves

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

Orientador:
Prof.^a. Dr.^a. Ulisete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília-DF

Outubro de 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida irmã Sônia, que sempre me incentivou a continuar no curso de Letras, apesar de todas as intempéries.

Agradeço a meu marido, Regis, pela paciência e compreensão nas minhas ausências.

Agradeço aos queridos amigos Attyla e Ana Paula, por me auxiliarem no acesso às escolas.

Agradeço à minha orientadora Ulisdete, por toda a dedicação e empenho nesta nada fácil orientação.

E, agradeço principalmente a Deus, que me iluminou a entrar no caminho das Letras, cruzando este caminho com o de pessoas tão especiais.

RESUMO: Este artigo estuda à luz da Sociolinguística Variacionista, a variação no uso das três estratégias relativas presentes no Português Brasileiro: a forma padrão, preconizada pela gramática da norma culta, e as duas formas não padrão, aqui chamadas de cortadora e copiadora. O *corpus* da pesquisa concentrou-se em produções escritas de alunos do 1º ano do Ensino Médio. A hipótese levantada é que, os alunos de maior prestígio social apresentariam a mesma frequência de ocorrências da estratégia não-padrão em comparação com os alunos de menor prestígio social. Para justificar a hipótese foi realizada primeiramente a análise quantitativa dos dados e realizada a distribuição das ocorrências de relativas por função sintática do pronome relativo. Tal análise não confirmou a hipótese levantada, sendo que os alunos que gozam de menor prestígio social apresentaram menor frequência da estratégia não-padrão em comparação com os alunos de maior prestígio social.

Palavras-chave: relativas cortadoras; relativas copiadoras; variação linguística; sociolinguística.

ABSTRACT: This paper studies based on Sociolinguistics Variacionista, variation in the use of these three strategies in Brazilian Portuguese: the standard form recommended by the grammar of cultural norms, and the two non-standard forms, here called cutter and copier. The corpus of research focused on written productions of students of 1st year of high school. The hypothesis is that students of higher social prestige would present the same frequency of occurrences of non-standard strategy in comparison with students from lower social prestige. To justify the assumption was made in first quantitative analysis of the data and performed the distribution of the occurrences related by syntactic function of the relative pronoun. This analysis did not confirmed the hypothesis. Students of lower social standing had a lower frequency of non-standard strategy in comparison with students of higher social prestige.

Keywords: relating cutters; relating copiers; linguistic variation; sociolinguistics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	09
1.1 O que dizem os linguistas	10
1.2 O que dizem os gramáticos	12
1.2.1 Cunha & Cintra (2001)	13
1.2.2 Cegalla (2005)	14
1.2.3 Bechara (2009)	15
1.2.4 Rocha Lima (2011)	16
2. METODOLOGIA	17
3. ANÁLISE DOS DADOS	18
3.1 As variáveis extra-linguísticas	18
3.1.1 O contexto social da Escola A	18
3.1.2 O contexto social da Escola B	19
3.2 As variáveis linguísticas	19
3.2.1 As variáveis linguísticas na Escola A	19
3.2.2 As variáveis linguísticas na Escola B	23
3.3 Comparativo sobre as estratégias de relativização entre as escolas A e B	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

No português brasileiro, segundo Tarallo (1983, apud KATO, 1996), coexistem três tipos de estratégias de relativização: padrão – quando o uso do pronome relativo segue a norma prescrita pela gramática tradicional; a copiadora ou relativa com pronome lembrete – uma forma pronominal co-referente ao sintagma nominal relativizado aparece como lembrete; e, a estratégia cortadora que se restringe aos casos em que o sintagma nominal relativizado é um objeto preposicionado e tem a sua preposição cortada. Assim, se observa:

- a) A moça *com quem* falei ontem está aqui.
- b) A moça *que* eu falei *com ela* ontem está aqui.
- c) A moça *que* eu falei ontem está aqui.

(KATO, 1996, p.223)

A sentença ‘a’ segue a prescrição da norma padrão, ou seja, usa-se a preposição mais o pronome relativo. As demais são tidas como não-padrão : em ‘c’, ocorre o corte da preposição, enquanto que na segunda há um relativo “que” e posteriormente, uma preposição e um pronome.

Percebe-se que a norma do português brasileiro difere da daquilo que as gramáticas tradicionais prescrevem, principalmente no que diz respeito às estratégias de cortar a preposição e de usar um pronome lembrete. Tarallo (1983, apud KATO, 1996) comprova que no português brasileiro as relativas cortadoras estão mais presentes do que as copiadoras. Talvez, a presença de cortadoras em maior índice que as copiadoras esteja relacionada à questão do estigma social carregado por esta última. Ou seja, por hipótese, a pragmática estaria influenciando na produção dessas estruturas. É importante verificar que o aparecimento de tais processos linguísticos em dados produzidos por falantes classificados como culto indica que esta já é uma mudança em um estágio bem avançado na língua. Isto porque a mudança teria começado nas classes mais baixas, caracterizando o que Labov (apud MONTEIRO, 2008) chama de mudança de baixo para cima.

Lemle (1978), assim como Tarallo (1983, apud KATO, 1996) identificou dois tipos de estratégias de relativização no português brasileiro: a relativa padrão e a relativa vernacular (copiadora e cortadora). Para a autora, a existência dos dois tipos de estratégias encontra justificativa na heterogeneidade linguística, que poderia ser interpretada em termos sociais ou regionais.

Retomando a alternância entre a estratégia padrão e a vernacular, Kato (1981, apud CORREA, 1998) propôs que as duas estratégias constituem um caso de variação linguística de cada falante, ou seja, um exemplo de variação estilística. Desta maneira, o falante teria duas gramáticas paralelas, podendo ele fazer o câmbio de uma para outra, condicionado principalmente por fatores extralinguísticos. Nesse novo enfoque, a estratégia padrão seria ativada em situações de formalidade e seria resultado da intervenção escolar.

Desta maneira, retomo esta discussão nesse trabalho, analisando essas estratégias nas produções escolares de alunos de Ensino Médio, em diferentes contextos sociais: uma escola de classe média/alta do Distrito Federal e outra escola da periferia urbana, no mesmo Estado.

Seguindo os pressupostos dos autores acima, de que coexistem duas gramáticas, pretendo verificar se há diferença nas estratégias de relativização na linguagem culta escrita em diferentes grupos sociais e geográficos e qual a estratégia mais utilizada.

Se para Corrêa (1998) a estratégia padrão ocorre com a intervenção escolar, objetivo com este trabalho verificar e analisar o tratamento dado às orações relativas, por parte dos docentes de Ensino Médio nos diferentes grupos sociais e geográficos.

As estratégias de relativização cortadoras e copiadoras são tratadas, pela maioria dos manuais de gramática tradicional como desvios da forma canônica e, por isso, devem ser evitadas. Entretanto, como citado anteriormente, diversos estudos de orientação sociolinguística, como o de Tarallo (1983, apud KATO, 1996), Corrêa (1998) e Silva (2011), atestam que as relativas não-padrão são largamente empregadas por usuários da língua de diferentes níveis de escolaridade e em diferentes contextos comunicativos, inclusive alguns que envolvem maior formalidade. Os resultados dessas pesquisas apontam uma média percentual acima de 80% de recorrência à relativa cortadora nos casos em que o elemento relativizado assume função preposicionada.

Diante dessa realidade, é clara a necessidade de se reconsiderar o tratamento dado às formas não-padrão de construção relativa no ambiente escolar, que, via de regra, segue orientações da tradição normativa, assumindo a cortadora e a copiadora como desvios da forma padrão, sendo assim consideradas “erro”.

Para uma descrição mais clara desse fenômeno no português brasileiro é importante verificar como as estratégias de relativização atuam nos registros escritos produzidos por falantes cultos. Assim, este trabalho preocupar-se-á com uma pequena

descrição dessas estratégias na norma culta escolar. A hipótese é que por ser um *corpus* da norma culta, a estratégia padrão deveria prevalecer sobre as demais.

O objetivo é observar se o comportamento dessas estratégias é o mesmo em todos os grupos de registro do *corpus* da pesquisa (social, regional e modelo de ensino) e se os fatores diferenciais desses grupos estão influenciando na produção de estratégias não-padrão, bem como na padrão.

A hipótese é que a estratégia tida como cortadora prevalece sobre as demais e não há diferenças consideráveis na escolha do uso de uma variante ou outra entre os diferentes falantes da língua.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo visa a responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (LUCCHESI, 2004).

Assim, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística. Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (LUCCHESI, 2004).

Dessa forma, para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência - quando duas formas são usadas ao mesmo tempo; e em concorrência - quando duas formas concorrem. Daí ser a Sociolinguística Variacionista também denominada de Teoria da Variação.

Segundo Tarallo (2002), as formas em variação recebem o nome de “variantes linguísticas”. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as “variáveis explanatórias ou independentes”.

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sócio-cultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e

não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (2003), a Teoria da Variação parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível.

Desse modo, um estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante.

Nesse sentido, vários estudos já foram realizados para pesquisar as orações relativas, discorrendo sobre os fatores que condicionam a variação entre as três estratégias. Assim, apresentaremos neste capítulo alguns estudos relevantes sobre estratégias de relativização e uma breve comparação do tema nas gramáticas.

1.1 O que dizem os linguistas

Nos estudos das orações relativas, destaca-se primeiramente o trabalho de Tarallo (2002). O autor realiza uma análise sincrônica do fenômeno e indica a existência de três variantes, nomeadas como padrão, cortadoras e copiadoras.

Tarallo salienta a importância da classe socioeconômica sobre o prestígio ou a estigmatização de uma determinada variante. O grupo social de status mais elevado privilegia o uso da variante de prestígio em relação à variante de estigma.

Ainda para o autor, a mudança em progresso em geral, inicia-se em um grupo intermediário, de situação socioeconômica mediana.

Prosseguindo em sua análise, Tarallo (2002) conclui que a variante dita padrão se “encontra praticamente fora do campo de batalha”. A mais utilizada parece ser a relativa cortadora e a relativa copiadora, ou “relativa com pronome-lembrante, não goza de prestígio na comunidade” (p.74). Para o autor a variação entre as relativas está diretamente relacionada ao sistema de variação encontrado no sistema anafórico da língua falada, sendo que de “tal maneira essa relação se processa que, com base nas estratégias anafóricas utilizadas pelo falante, se podem prever as variantes relativas pelas quais ele opta em seu desempenho” (p.74).

Tarallo verifica ainda que o uso da variante relativa cortadora se justifica pela tendência à complementação direta e com o progressivo aumento do preenchimento de sujeito. Já no caso da relativa copiadora, com o uso do pronome lembrante, a ocorrência é maior quando há um elemento interveniente entre o referente e o pronome relativo, ou

seja, quanto maior o traço de distância, maior as possibilidades de ocorrer este tipo de estratégia.

Ainda para Tarallo (2002), a classe mais escolarizada opta pela relativa cortadora, evitando a forma copiadora, sendo que a estratégia padrão encontra-se em fase de desaparecimento, tanto para a classe média, quanto para a baixa. Partindo desta premissa, Corrêa (1998), aponta que os falantes do PB não usam a relativa padrão até o final do Ensino Médio. Esta constatação a leva a concluir que a relativa padrão é adquirida por meio da escolarização.

De fato, as relativas de sujeito e objeto direto aparecem por volta dos três anos de idade (PERRONI, 1997 apud CORREA, 1998), e há uma baixa ocorrência dessa estrutura preposicionada. Além disso, as poucas orações relativas de sujeito e objeto preposicionadas produzidas pelas crianças, ou não apresentavam preposição ou vinham com o pronome lembrete. Na pesquisa de Perroni não há menção do uso da preposição com pronome relativo.

Corrêa (1998) analisou 45 redações (5 de cada série do Ensino Fundamental e 5 de adultos universitários) e constatou que apareceram 147 orações relativas, mas nenhuma de pronome resumptivo (o que também confere com as conclusões de Tarallo).

Ainda na pesquisa de Corrêa (1998), verificou-se que das 147 orações relativas, apenas 7 eram relativas padrão, sendo que 5 delas foram escritas por universitários. A autora observou que não há relativas na 1ª série e as orações relativas de sujeito e objeto direto começam a aparecer a partir da 2ª série; e são estas que aparecem em maior número em todas as séries. Por outro lado, a pesquisa de Corrêa (1998) constatou que apareceram 15 relativas cortadoras nas redações do Ensino Fundamental e nenhuma nas dos universitários. As duas ocorrências de relativas padrão apareceram somente na 6ª série. Assim Corrêa (1998) concluiu que a relativa padrão é aprendida após a conclusão do 1º grau.

Em outra pesquisa realizada com o Ensino Médio, Corrêa (1998) observou que a relativa padrão tem uma frequência de apenas 7% no 1º ano do Ensino Médio. Esta frequência aumenta, porém, no último ano até atingir 44% do total das relativas encontradas pela autora. Assim, a diferença na produção de relativas preposicionadas é significativa da série inicial para a série final do Ensino Médio.

Outro fator observado pela autora é a esquiva utilizada pelos alunos do 3º ano. Quando possível, os alunos mudavam a oração para evitar o uso da relativa.

Desta forma, Corrêa (1998) afirma que só os alunos da série final do Ensino Médio escrevem as redações de acordo com o prescrito pela Gramática Tradicional, no que se refere ao uso das relativas. Isto quer dizer que a estratégia padrão só ocorre após a escolarização, e ainda muito tardiamente neste processo.

A partir de uma teoria formalista, Kato (1993, apud BASTOS, 2008) identifica que termo *que* das orações relativas, em muitas línguas, move-se para o início da sentença, deixando um espaço vazio no seu lugar de origem. Esse espaço vazio deixado pelo movimento do pronome é tomado, sintaticamente, como vestígio do termo movido, e é interpretado, semanticamente, como uma *variável lógica* que mantém relação com o elemento movido (*operador lógico*).

Para Kato, essa não é a única forma de apresentar a estrutura da sentença. Ela lembra que, em muitas línguas, a posição relativizada pode ser ocupada por um pronome pessoal - estratégia copiadora - ou manter-se vazia - estratégia cortadora. A autora reconhece que o Português Brasileiro falado conta com as duas formas.

A interpretação de Kato diferencia-se da que foi apresentada por Tarallo por entender que a diferença entre as estratégias de relativização padrão e não-padrão reside na posição em que se dá a relativização. No caso das relativas-padrão, a relativização ocorre a partir da posição canônica, ou seja, o deslocamento do pronome ocorre da direita para a esquerda da sentença. Já nas estratégias não-padrão, o deslocamento do pronome se realiza a partir de uma posição não-canônica, da esquerda para a direita da sentença.

1.2 O que dizem os gramáticos

Em geral, as gramáticas tradicionais não discutem os processos de construção relativa. Limitam-se a conceituar e/ou definir as orações relativas e a apresentar sua classificação prototípica em restritivas e explicativas (p. ex. CUNHA & CINTRA, 2001; CEGALLA, 2005; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011). Além disso, na definição que apresentam, esses manuais geralmente não utilizam uma abordagem unificada, confundindo, muitas vezes, critérios de naturezas distintas: ou sintáticos, ou semânticos ou pragmáticos, ou os três simultaneamente, conforme discutido em Bispo (2007).

Em termos de estrutura, os exemplos de orações relativas de que se utilizam as gramáticas tradicionais, correspondem ao modelo padrão, conforme descrito por Perini (2000) e caracterizado por apresentar: um pronome relativo; estrutura oracional

aparentemente incompleta, logo após o relativo; articulação de um elemento nominal + relativo + estrutura oracional aparentemente incompleta.

Para este trabalho, porém, nos restringimos a realizar um comparativo entre os compêndios gramaticais de Cunha & Cintra (2001), Cegalla (2005), Bechara (2009) e Rocha Lima (2011) no que tange ao tratamento dado aos pronomes relativos e suas funções sintáticas.

1.2.1 Cunha & Cintra (2001)

Cunha & Cintra (2001) apresentam os pronomes relativos, justificando seu nome. “São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior – o antecedente”(p.342).

Para nossa análise em específico – relativas cortadoras e copiadoras – focaremos nos exemplos citados pelos autores das funções sintáticas dos pronomes relativos em objeto direto e complemento nominal:

OBJETO INDIRETO:

Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.

(J. Lins do Rego, ME, 58.)

[*de que* = objeto indireto de *se falava*]

(p.344)

COMPLEMENTO NOMINAL:

Lembra-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.

(Lima Barreto, REIC, 287.)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*]

(p.345)

Em nenhum dos dois tópicos, os autores fazem menção ao uso da estratégia copiadora, com o pronome lembrete ou à estratégia cortadora, sem a utilização da preposição *de*.

No que tange à substituição do pronome relativo *qual* pelo *que*, os autores advertem:

Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a

língua exige o emprego da forma *o qual*.

Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a, com, de, em* e *por*:

[...]

(p.348)

No capítulo destinado às orações subordinadas adjetivas tem-se a seguinte descrição: “vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente” (p.601).

Igualmente, na sessão que trata das orações relativas, não há nenhuma referência a exemplos que demonstrem os pronomes relativos como objeto indireto, agente da passiva, complemento nominal e como adjunto adverbial.

1.2.2 Cegalla (2005)

No tópico destinado aos pronomes relativos, Cegalla (2005) apresenta o tema como:

Pronomes relativos são palavras que representam substantivos já referidos, com os quais estão relacionadas. Daí denominarem-se relativos.

(p.184)

O autor se limita a mencionar alguns exemplos e classificar os pronomes relativos em variáveis e invariáveis.

Com relação à substituição do pronome relativo *onde* pelo relativo *que*, o autor faz uma observação:

Onde, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa *onde* moro foi de meu avô. [*onde* = em que]

(p.185, grifo meu)

No capítulo destinado às orações subordinadas substantivas, o autor faz uma interessante observação quanto às objetivas indiretas:

É frequente a elipse (omissão) da preposição:

“Não me lembrei *que estava diante de um cavalheiro...*” (CAMILO CASTELO BRANCO, isto é: Não me lembrei *de* que estava diante de um cavalheiro.

“Esqueceu-se *que tenho cinquenta anos?*” (CAMILO CASTELO BRANCO), ou seja:

Esqueceu-se *de* que tenho cinquenta anos?

“Ambos concordaram *que essas ideias não tinham senso comum*”. (MACHADO DE ASSIS).

(p.385)

Com relação às completivas nominais, o autor faz uma observação semelhante:

As completivas nominais são regidas de preposição, a qual em certos casos pode ser omitida, como neste exemplo: “Zé Grande tinha a impressão *que estava voltando a ser criança*.” (HAROLDO BRUNO).

(p.386)

Porém, o autor se limita ao estudo simplista e menos descritivo que outros autores. O enfoque dado a esse fenômeno gramatical apenas descreve essas relativas, usando como exemplos citações de trechos de textos literários de autores portugueses e brasileiros de diversas escolas literárias.

1.2.3 Bechara (2009)

Segundo Bechara (2004), existem particularidades sobre as orações transpostas adjetivas em relação à função sintática do pronome relativo. As orações adjetivas iniciam-se por pronomes relativos que, além de marcarem a subordinação, exercem (na maioria das vezes) uma função sintática na oração a que pertencem:

Que – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto*, *complemento relativo*, *adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

(p.486)

Sobre o pronome relativo *qual*, o autor menciona que este “substitui o *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*” (p.488).

Mais adiante, ainda no capítulo destinado às “particularidades sobre as orações transpostas adjetivas”, o autor menciona o “Relativo Universal”, juntamente com a observação de que frequentemente as linguagens coloquial e popular “despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A

função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome” (p.491).

O autor se refere neste trecho às estratégias de relativização não-padrão – cortadoras e copiadoras, informando que ele ocorre somente na linguagem coloquial e popular, com pessoas que tenham pouca familiaridade com a língua escrita.

1.2.4 Rocha Lima (2011)

No tópico destinado às orações substantivas, Rocha Lima (2011) limita-se a exemplificar com textos literários, assim como Cegalla (2005) as orações subjetivas, objetivas diretas, completivas relativas, completivas nominais, apositivas e predicativas.

Porém, no tópico que se refere aos pronomes relativos e suas funções, o autor menciona que o pronome *que* “corresponde, quanto ao sentido, a *o qual, a qual, os quais, as quais*, embora nem sempre estes possam substituir aqueles, e vice-versa” (p.403).

Ainda, no mesmo tópico, o autor menciona que é “de melhor estilo a preferência de *que* a *qual*, que trai a preocupação popular de clareza, às vezes deselegante” (p.405).

E exemplifica:

As sessões a *que* (*às quais*) assisti. Os motivos por *que* (pelos *quais*) me afasto.
Os dados de *que* (dos *quais*) dispunha.

(p.405)

Percebemos assim, que o autor - como outros – limita-se a expressar apenas a língua escrita. O aluno, para a compreensão e o domínio científico do assunto, teria necessidade de um poder de abstração que pode estar além de sua capacidade e, na prática, poucas são as possibilidades de relacionar essa teoria com a linguagem por ele utilizada.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho realiza uma pesquisa baseando-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, nos termos de Tarallo & Kato (1989).

A variável dependente neste trabalho é a presença/ausência do pronome relativo *que* e da presença/ausência do pronome lembrete em orações relativas. O fator linguístico considerado relevante no condicionamento dessa variável é a função sintática do pronome relativo.

Os fatores extra-linguísticos baseam-se no nível social dos produtores das amostras e região em que residem.

Os dados que servem de base para este estudo foram retirados de produções escritas de 48 alunos do 1º ano do Ensino Médio de duas escolas distintas; uma escola particular, de ensino bilíngue, considerada de nível social médio/alto, localizada no Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal e outra escola pública, com alunos provenientes da classe média/baixa, localizada na periferia da cidade de Valparaíso, Goiás.

Os dados envolvem também correção por parte dos professores.

Para a análise dos dados, primeiramente foi realizada uma análise sintática das orações relativas e verificação da função sintática do pronome relativo em cada oração.

Após essa primeira análise, foi realizado a distribuição das estratégias de relativização por função sintática do pronome relativo em cada escola.

Com esses primeiros dados em mãos, foi realizado um comparativo entre as duas das estratégias de relativização por função sintática encontradas e a porcentagem comparativa entre as escolas das estratégias de relativização [+] padrão e [-] padrão.

Os resultados aparecem em forma de tabelas e gráficos.

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1 As variáveis extra-linguísticas

O *corpus* da pesquisa foi retirado de produções escolares do 1º ano do Ensino Médio de duas escolas distintas. Para fins de privacidade dos alunos envolvidos, identificaremos as escolas como Escola A e Escola B. A seguir, faremos uma breve apresentação do contexto social em que os alunos de cada escola vivem.

3.1.1 O contexto social da Escola A

A Escola A está localizada no Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal. A maioria dos alunos mora no Plano Piloto ou Lago Sul.

A escola é de ensino privado e bilíngue, sendo que muitos dos alunos são estrangeiros ou filhos de estrangeiros. Para a nossa pesquisa, selecionamos uma sala do 1º ano do Ensino Médio, na qual todos os alunos possuem o Português Brasileiro como língua materna.

O horário de aula é das 8 às 15 horas, sendo que muitos alunos continuam na escola até às 17 horas, realizando atividades extra-classes ou extra-curriculares.

Todos os pais dos alunos envolvidos nesta pesquisa possuem o grau universitário, sendo que alguns possuem mestrado ou doutorado.

A média de idade dos alunos é de 15 anos.

3.1.2 O contexto social da Escola B

A Escola B é uma escola pública, localizada na periferia da cidade de Valparaíso, Goiás.

A escola possui os três períodos: matutino, vespertino e noturno, mas para nossa pesquisa, utilizamos produções escolares de alunos do 1º ano do Ensino Médio do horário noturno.

As aulas do horário noturno iniciam às 19 horas e terminam às 22:30 horas. Porém, efetivamente, os alunos saem às 22 horas.

A maioria dos alunos desta sala escolhida para o *corpus* da pesquisa são trabalhadores ou estagiários durante o dia. A média de idade dos alunos é de 27 anos, bem acima da média ideal para a série, que é de 15 anos.

Três das alunas desta sala tem pelo menos 1 filho.

Cerca de 70% dos alunos desta sala escolhida para o *corpus* da pesquisa são provenientes de outros Estados. O restante, natural de Goiás, faz parte da 1º geração nascida no Estado em que residem.

A maioria dos alunos declarou que seus pais são analfabetos ou semi-analfabetos. Os que declararam ter pais alfabetizados, mencionaram que estes não são letrados, ou seja, não sabem, por exemplo, escrever uma carta a algum parente distante, ou mesmo um bilhete.

Nenhum dos alunos paga aluguel ou mora em casa alugada. Os que não possuem casa própria, residem com os pais, parente ou moram em terrenos familiares, com várias casas em um mesmo lote.

3.2 As variáveis linguísticas

A pesquisa baseou-se na função sintática exercida pelo pronome relativo em cada oração relativa encontrada nas produções escolares. Segundo Cunha & Cintra (2001), os pronomes relativos podem exercer a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal, complemento nominal, adjunto adverbial e agente da passiva. Ainda, para os autores, na posição de adjunto adnominal, será sempre apresentado o pronome relativo *cujos*, sempre que este pronome também sempre funciona como adjunto adnominal. Assim, não utilizaremos esta categoria em nossa pesquisa, atendo-nos, apenas, às outras sete categorias.

Para Bechara (2009), as funções sintáticas do pronome relativo *que* são classificadas como sem o acompanhamento da preposição – sujeito, objeto direto e predicativo; e com acompanhamento da preposição – objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial e agente da passiva. Desta maneira, esta pesquisa considerou, de antemão, que dificilmente encontraria a estratégia cortadora com o pronome relativo na função de sujeito, objeto direto ou predicativo.

A apresentação dos resultados é realizada por meio de tabelas e gráficos com uma breve explanação dos mesmos.

3.2.1 As variáveis linguísticas na Escola A

A pesquisa na Escola A demonstrou que os alunos recorrem mais frequentemente à estratégia de relativização quando o pronome relativo exerce a função de sujeito. Como essa função sintática não exige o uso da preposição, em todas as

ocorrências desta estratégia os alunos utilizaram a forma padrão do uso das relativas. Não houve nenhum caso de uso do pronome lembrete, ou seja, da estratégia copiadora.

Observemos as tabelas abaixo:

		PADRÃO	CORTADORAS	COPIADORAS	TOTAL
Sem preposição	Sujeito	79	0	0	79
	Obj. Direto	4	0	0	4
	Predicativo	2	0	0	2
Com preposição	Obj. Indireto	0	1	0	1
	Comp. Nominal	4	8	0	12
	Adj. Adverbial	12	4	0	16
	Ag. da Passiva	0	0	0	0
TOTAL		101	13	0	114

Tabela 1 – Distribuição das estratégias de relativização por função sintática do pronome relativo na Escola A

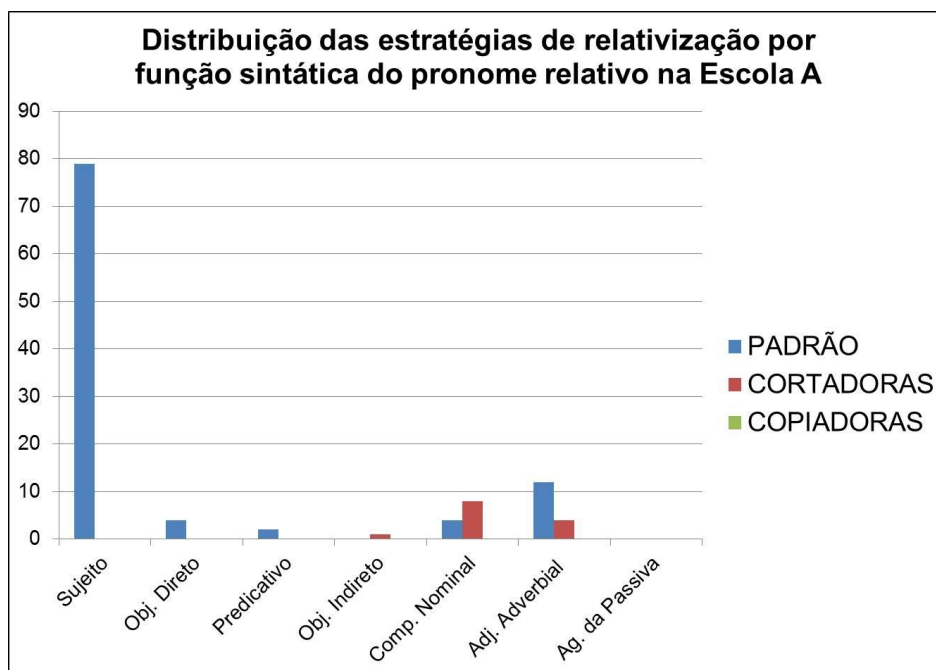
sem preposição	Sujeito	79	69,30%
	Obj. Direto	4	3,51%
	Predicativo	2	1,75%
com preposição	Obj. Indireto	1	0,88%
	Comp. Nominal	12	10,53%
	Adj. Adverbial	16	14,04%
	Ag. da Passiva	0	0,00%
TOTAL		114	100%

Tabela 2 – Porcentagem das relativas por função sintática do pronome relativo na Escola A.

Na análise dos dados da tabelas 1 e 2, é possível observar que a maior frequência da estratégia cortadora, ocorre quando o pronome relativo exerce a função de complemento nominal, sendo que a estratégia não-padrão ocorre mais que a estratégia padrão, como demonstrado na tabela e gráfico abaixo:

		PADRÃO	CORTADORAS	COPIADORAS
Sem preposição	Sujeito	100%	0%	0%
	Obj. Direto	100%	0%	0%
	Predicativo	100%	0%	0%
Com preposição	Obj. Indireto	0%	100%	0%
	Comp. Nominal	33%	67%	0%
	Adj. Adverbial	75%	25%	0
	Ag. da Passiva	0%	0%	0

Tabela 3 - Porcentagem das estratégias de relativização por função sintática do pronome relativo na Escola A.



A escolha pela estratégia cortadora, quando o pronome relativo exerce a função de complemento nominal, pode significar que a estrutura padrão da língua ainda não foi estudada em sala de aula, já que as orações subordinadas só serão estudadas no 3º ano do Ensino Médio. Isto estaria de acordo com as considerações de Corrêa (1998): o aluno só passa a utilizar a forma padrão nas séries finais do Ensino Médio. Também justificaria a correção da professora em apenas 2 ocorrências cortadoras, das 8 encontradas, como podemos ver a seguir:

De acordo com Cristovão Buarque e com base em uma ótica humanista *de que* se a Amazônia fosse internacionalizada, também deveríamos internacionalizar as reservas petrolíferas...

Em uma mistura de realidade e paranóia, parte da população brasileira teme a possibilidade *de que* seu pulmão seja invadido.

Outra hipótese, também, para o uso da estratégia cortadora quando o pronome relativo exerce a função de complemento nominal, seria a de que esta categoria de função sintática ocorre com maior frequência na língua falada. Nesse sentido, o aluno ao precisar relativizar o antecedente, entraria em um processo que Bortoni-Ricardo (2004) identifica como [-] monitoramento. Em outras palavras, para o aluno, a

utilização desta estratégia em determinados contextos é tão natural que ele não atenta à regra padrão da língua.

Já nos casos em que o pronome relativo exerceu a função de adjunto adverbial, temos 16 ocorrências no total, sendo que 4, ou seja 25% do total das ocorrências são cortadoras, como se observa a seguir:

Porque o atual estado Φ que se encontra a nossa Amazônia é lastimável...

Mesmo assim, o sistema de cotas, Φ que negros entram e brancos saem, é injusto com pessoas pobres de pele branca.

A maneira Φ que os negros foram tratados no passado não justifica o uso de cotas hoje.

... deixando as pessoas dependerem não da própria determinação, mas da família ou da cultura Φ que nasceu.

Nenhuma das 4 ocorrências de pronome relativo na função sintática de adjunto adverbial foi corrigida pela professora.

Quanto às ocorrências em que o pronome relativo exerce a função de objeto indireto, encontramos apenas uma na estratégia cortadora, como vemos a seguir:

... sem a pretensão Φ que podem cuidar melhor do que nós da Amazônia.

Em muitos trechos das produções escolares dos alunos da Escola A, o que se pode perceber é uma esquiva em relação à utilização do pronome relativo na função de objeto indireto, como podemos ver a seguir:

... instituindo o sistema de cotas para os negros, pardos e índios. Eles ainda precisam do sistema de cotas...

Em vez de:

... instituindo o sistema de cotas de que os negros, pardos e índios ainda precisam...

A única ocorrência de pronome relativo na função de objeto indireto não recebeu correção por parte da professora.

3.2.2. As variáveis linguísticas na Escola B

Assim como a Escola A, a Escola B recorreu mais à estratégia de relativização quando o pronome relativo exerce a função de sujeito. Também aqui não houve ocorrências do pronome lembrete, ou estratégia cortadora. Vejamos as tabelas a seguir:

		PADRÃO	CORTADORAS	COPIADORAS	TOTAL
Sem preposição	Sujeito	39	0	0	39
	Obj. Direto	4	0	0	4
	Predicativo	0	0	0	0
Com preposição	Obj. Indireto	1	0	0	1
	Comp. Nominal	5	1	0	6
	Adj. Adverbial	8	1	0	9
	Ag. da Passiva	0	0	0	0
TOTAL		57	2	0	59

Tabela 4 – Distribuição das estratégias de relativização por função sintática do pronome relativo na Escola B

Sem preposição	Sujeito	39	66,10%
	Obj. Direto	4	6,78%
	Predicativo	0	0,00%
Com preposição	Obj. Indireto	1	1,69%
	Comp. Nominal	6	10,17%
	Adj. Adverbial	9	15,25%
	Ag. da Passiva	0	0,00%
TOTAL		59	100,00%

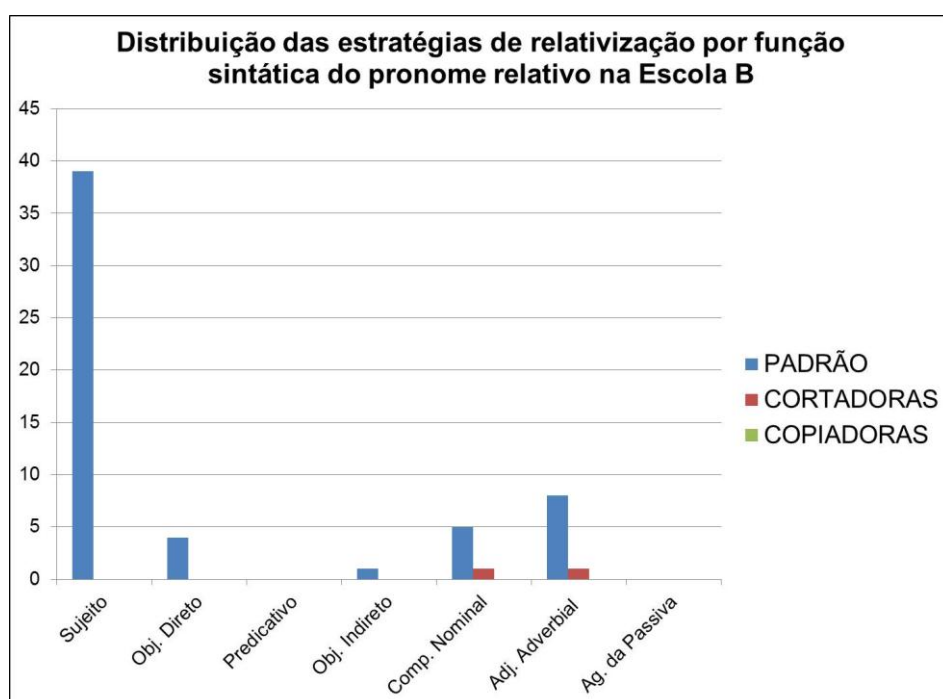
Tabela 5 – Porcentagem das relativas por função sintática do pronome relativo na Escola B.

Nas estratégias que necessitam da preposição, a maior ocorrência de orações relativas ocorreu quando o pronome relativo exerceu a função de adjunto adverbial, representando 15,25% do total de ocorrências, seguida das ocorrências em que o pronome relativo exerceu a função de complemento nominal, com 10,17% do total das ocorrências.

Em relação ao uso da estratégia não-padrão, observamos apenas 2 ocorrências, uma na função de complemento nominal e uma na função de adjunto adverbial, obtendo uma baixa percentagem em relação à estratégia padrão, como podemos ver na tabela e gráfico a seguir:

		PADRÃO	CORTADORAS	COPIADORAS
Sem preposição	Sujeito	100%	0%	0%
	Obj. Direto	100%	0%	0%
	Predicativo	0%	0%	0%
Com preposição	Obj. Indireto	100%	0%	0%
	Comp. Nominal	83,3%	16,7%	0%
	Adj. Adverbial	88,9%	11,1%	0%
	Ag. da Passiva	0%	0%	0%

Tabela 6 - Porcentagem das estratégias de relativização por função sintática do pronome relativo na Escola B



Nas duas ocorrências da estratégia não-padrão não houve correção por parte do professor. Vejamos a seguir:

... elas deveriam abrir os olhos para a realidade Φ que estamos vivendo agora.

A concepção Φ que a pessoa é a dona do próprio corpo e capaz de tomais tais decisões...

Uma das possíveis causas para a ocorrência de poucas estratégias cortadoras, quando o pronome relativo exerce a função de adjunto adverbial, deve-se ao fato da utilização dos pronomes *onde*, *como* e *quando* substituído *em que*, *do que*, *de que* e *com que*. Por exemplo:

a vida só mantém seu sentido até o momento quando se produz, consciente, felicidade.

em vez de:

... a vida só mantém seu sentido até o momento em que se produz, consciente, felicidade.

e

É justo e necessário que uma pessoa morra com a mesma dignidade como quando nasceu...

substituindo

É justo e necessário que uma pessoa morra com a mesma dignidade com que nasceu...

Interessante observar que Corrêa (1998) já havia mencionado sobre a alta incidência da estratégia padrão nos casos em que o pronome relativo exerce a função de adjunto adverbial.

Porém, uma hipótese da atual pesquisa é que ocorre esquivas por parte dos alunos em relação à utilização do pronome relativo preposicionado na função de adjunto adverbial.

3.3. Comparativo sobre as estratégias de relativização entre as escolas A e B

Como já demonstrado nos tópicos anteriores, a Escola A apresentou um total de 114 ocorrências de orações relativas, sendo que 13 são da estratégia não-padrão, ou seja 11,40%. Contrapondo a este resultado, a Escola B apresentou um total de 59 ocorrências de orações relativas, sendo 2 dessas ocorrências escritas na estratégia não-padrão, representando assim, 3,40% das estratégias relativas cortadoras.

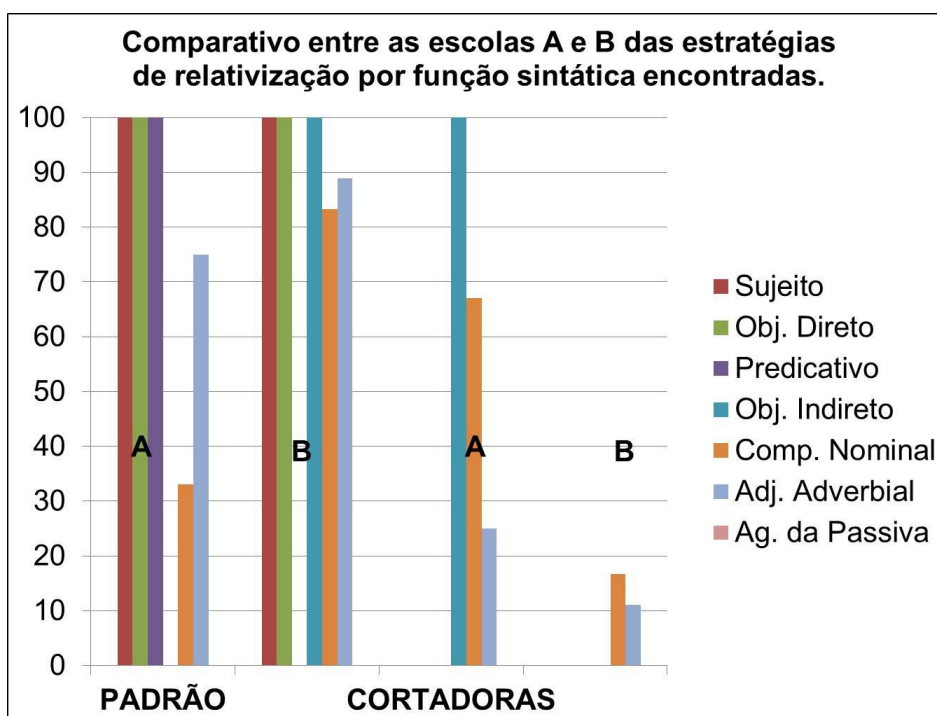
Vejamos as tabelas e os gráficos a seguir:

		PADRÃO		CORTADORAS		TOTAL	
		A	B	A	B	A	B
Sem Preposição	Sujeito	79	39	0	0	79	39
	Obj. Direto	4	4	0	0	4	4
	Predicativo	2	0	0	0	2	0
Com Preposição	Obj. Indireto	0	1	1	0	1	1
	Comp. Nominal	4	5	8	1	12	6
	Adj. Adverbial	12	8	4	1	16	9
	Ag. da Passiva	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	101	57	13	2	114	59

Tabela 7 - Comparativo entre as escolas A e B das estratégias de relativização por função sintática encontradas.

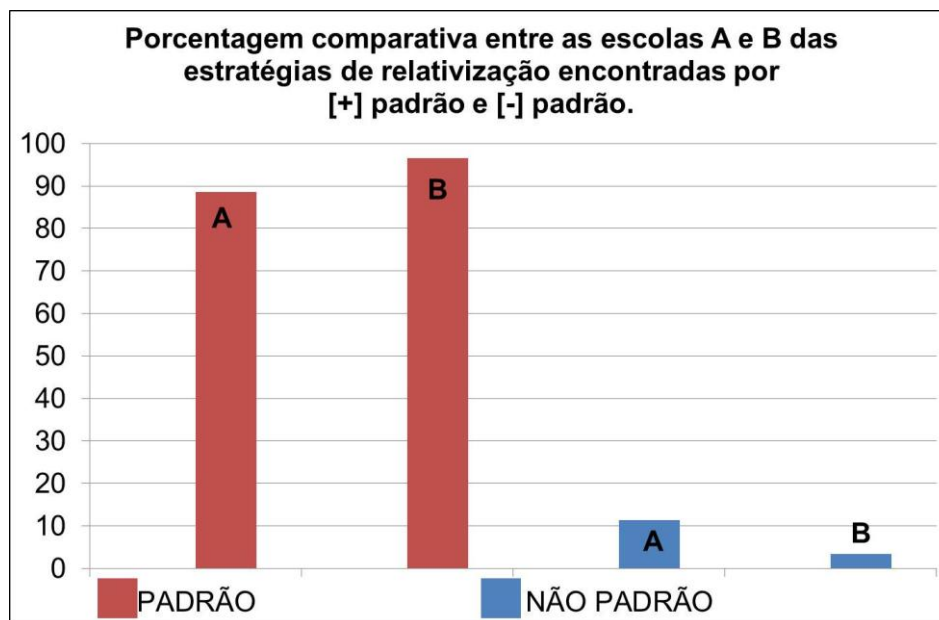
		PADRÃO		CORTADORAS	
		A	B	A	B
Sem preposição	Sujeito	100%	100%	0%	0%
	Obj. Direto	100%	100%	0%	0%
	Predicativo	100%	-	0%	-
Com preposição	Obj. Indireto	0%	100%	100%	0%
	Comp. Nominal	33%	83,3%	67%	16,7%
	Adj. Adverbial	75%	88,9%	25%	11,1%
	Ag. da Passiva	-	-	-	-

Tabela 8 - Porcentagem comparativa entre as escolas A e B das estratégias de relativização por função sintática encontradas.



	[+]PADRÃO		[-]PADRÃO		TOTAL	
	A	B	A	B	A	B
Ocorrências	101	57	13	2	114	59
%	88,6%	96,6%	11,4%	3,4%	100%	100%

Tabela 9 - Porcentagem comparativa entre as escolas A e B das estratégias de relativização encontradas por [+] padrão e [-] padrão.



A tabela e gráficos acima demonstram que as duas escolas recorrem com a mesma frequência às orações relativas, quando o pronome relativo exerce a função de sujeito. Quanto ao uso de relativas quando o pronome necessita ser preposicionado, as porcentagens também são bem parecidas, havendo uma diferença de no máximo 1,5% entre uma escola e outra.

A grande diferença está na escolha da estratégia cortadora. Como já mencionado, a Escola A apresentou uma maior ocorrência desta estratégia. Do total de 114 ocorrências de relativas, 13 foram apresentadas na estratégia cortadora.

Considerando que apenas **29** das relativas apresentadas pela Escola A podem ser preposicionadas, temos **44,8%** das orações relativas preposicionadas na estratégia não-padrão, contrapondo com apenas **12,5%** da Escola B.

Segundo Labov (*apud* MONTEIRO, 2008), quando o aparecimento de um processo linguístico ocorre em dados produzidos por falantes classificados como cultos, indica que essa é uma mudança em estágio bem avançado da língua. Isto porque a mudança teria começado nas classes mais baixas, caracterizando o que o autor chama de mudança de baixo para cima.

Porém, o que podemos observar, aqui, é que a mudança está mais avançada na classe social de maior prestígio, ou seja, na Escola A, de maior poder aquisitivo.

Uma hipótese para essa ocorrência é que, por ter uma grade horária mais extensa, a Escola A favorece a diferenciação entre gramática internalizada e gramática normativa e os aspectos relativos à adequação e inadequação linguística. Por ocasião de um maior tempo para discutir e corrigir produções propostas, o aluno tem a possibilidade de pesquisar outros textos que utilizam a forma coloquial da língua - como tirinhas, desenhos animados, piadas, textos publicitários etc – e que possibilitam identificar estratégias textuais semelhantes às utilizadas na linguagem oral.

Assim, o aluno da Escola A pode estar mais exposto a outras variantes do Português Brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o estudo com as relativas cortadoras e copiadoras nas primeiras séries do Ensino Médio, a hipótese levantada foi a que não haveria diferenças percentuais entre os alunos de classe mais alta e os de classe mais baixa na escolha de uma ou outra estratégia.

Outra hipótese levantada foi que prevaleceria a estratégia cortadora sobre as demais e que a estratégia copiadora ou com pronome lembrete quase não seria utilizada.

A pesquisa demonstrou, porém, que a estratégia cortadora, é sim, muito utilizada na língua escrita, porém com menor frequência do que a estratégia padrão.

Em relação à escolha pela estratégia cortadora, a Escola A apresentou maior frequência nessa estratégia, diferente à hipótese inicial.

A relativa copiadora, com o uso do pronome lembrete não apareceu nesta pesquisa. Isso não significa que este fenômeno não esteja consolidado, mas sim, que talvez por utilizarmos um *corpus* da linguagem culta, ou seja, escrita, este fenômeno seja mais difícil de ocorrer, já que os alunos estão em situação de [+] monitoramento. A predominância de períodos curtos também poderia justificar a ausência deste tipo de estratégia.

Um dos pontos relevantes nesta pesquisa foi referente à avaliação dos professores em relação à escolha da estratégia cortadora. Os dois professores, o da Escola A e o da Escola B corrigiram pouquíssimos casos desta ocorrência. Isso poderia ser justificado pelo fato de que a estratégia cortadora seja um fenômeno consolidado na língua escrita.

Não se está propondo nenhuma análise definitiva do fenômeno das variantes cortadoras e copiadoras do Português Brasileiro. A escolha do falante por uma estratégia ou outra pode ser algo realmente muito complexo para comportar uma resposta única e abrangente. A pretensão deste trabalho restringe-se apenas à comparação da escolha das estratégias entre uma escola de nível social mais elevado e de outra escola que goza de menos prestígio social.

Ainda que vários estudos já tenham sido feitos para se pesquisar as orações relativas, as pesquisas indicam que este assunto está longe de se esgotar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, W. A. *A relativização no Português do Brasil: a sentença orientada para o discurso*. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Letras, UNESP, Araraquara, 2008.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009
- BISPO, E.B. *Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português*. *Linguagem & Ensino (UCPel)*, v. 10, 2007^a, p. 163-186.
- _____. *Orações relativas não-padrão no ambiente escolar: algumas perspectivas*. Anais do V Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura (SELIMEL). Campina Grande-PB: Bagagem, 2007b, p. 156-164.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em Língua Materna: Sociolinguística na Sala de Aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CEGALLA, D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 46.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CUNHA, L.F.C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CORREA, V. R. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL, UNICAMP, 1998.
- LEMLE, M. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. In: *Tempo Brasileiro*, n.53/4, p.60-94, 1978.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LUCCHESI, D. *Sistema, Mudança e Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MOLLICA, C. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, C; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, J.L. *Para compreender Labov*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PERINI, M.A. *Gramática Descritiva do Português*, 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- SILVA, R.V.M. *Contradições no ensino de português*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- TARALLO, F. *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX*. In: ROBERTS, I e KATO, M.A. (org).

Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. 2.ed. Campinas: editora da UNICAMP, 1996.

_____. *A Pesquisa Sociolingüística*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002.

TARALLO, F. & KATO, M. A. *Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística*. In: *Preedição 5*. Campinas: UNICAMP, 1989.